



ANTÓNIO MEGA FERREIRA

De
samis
gados

*ou como
cancelar amizades
sem carregar no botão*

LISBOA
TINTA-DA-CHINA
MMXXI

ÍNDICE

© 2021, António Mega Ferreira
e Edições tinta-da-china, Lda.
Palacete da Quinta dos Ulmeiros
Alameda das Linhas de Torres, 152
1.º andar, escritório 10
1750-149 Lisboa

Tels: 21 726 90 28/9
E-mail: info@tintadachina.pt
www.tintadachina.pt

Titulo: *Desamigados,
ou como cancelar amizades
sem carregar no botão*

Autor: António Mega Ferreira
Revisão: Tinta-da-china
Composição: Tinta-da-china
Capa: Tinta-da-china (V. Tavares)

1.ª edição: maio de 2021

ISBN 978-989-671-609-7
Depósito Legal n.º 482520/21

PREÂMBULO	9
César e Bruto: <i>Et tu, Brute?</i>	13
Dante e Cavalcanti: <i>Amanhã escrevo-te um poema</i>	29
Voltaire e Frederico da Prússia: <i>Não era amor, era interesse</i>	45
Bocage e Macedo: <i>O cisne e o ganso</i>	63
Wagner e Nietzsche: <i>Génio, fibras e nervos</i>	75
Oscar Wilde e Alfred Douglas: <i>Amor, prisão e repúdio</i>	93
Freud e Jung: <i>Dois caminhos paralelos</i>	107
Fitzgerald e Hemingway: <i>Requiem por uma amizade imperfeita</i>	127
Nabokov e Edmund Wilson: <i>Com Púchkin de permeio</i>	139
Sartre e Camus: <i>Para que serve, afinal, a liberdade?</i>	157
García Márquez e Vargas Llosa: <i>Ciúmes e mau génio</i>	177

*A amizade, tal como a imortalidade da alma,
é uma coisa demasiado boa para poder ser verdade.*

— RALPH WALDO EMERSON

PREÂMBULO

«**Desamigar** v. 1. interromper a amizade (de); desamistar(-se), desavir(-se) 2. cessar a relação (entre amantes); separar(-se)»

Dicionário Houaiss da Língua Portuguesa

A origem remota deste livro encontra-se num episódio anedótico de verão. Um amigo meu, frequentador das redes sociais, recebeu à minha frente um comentário desagradável, rasteiro e de gosto mais que duvidoso. Indignou-se. Com veemência, premiu uma tecla com o indicador direito e comentou: «Pronto! Já o desamiguei!»

Eu já sabia que, nesta teia de «amizades» que o Facebook proporciona, é fácil ser-se amigo e deixar de o ser. A volatilidade dos afetos é grande, talvez porque, na maior parte dos casos, não há afetos envolvidos, mas simples curiosidade. Mas o verbo «desamigar», neste contexto, era novidade para mim.

De modo que, intrigado com a rapidez (higiênica, ia a escrever) com que o meu amigo obrigou o outro a desamigar-se, dei comigo a pensar em desamigamentos célebres, que levaram mais tempo e foram bem mais dolorosos do que este golpe digital certo e irreversível. É claro que é normalmente mais fácil saber que factos considerados gravosos levam dois amigos a desamigar-se – isto é, a porem termo, expressa ou tacitamente, à sua relação de amizade – do que entender como se estabeleceram certas amizades. E também há casos em que uma relação outrora intensa se esvai lentamente, com efeitos idênticos ao do desamigamento: todos nós já passámos por um ou mais desses episódios nas nossas vidas. Mas talvez seja melhor falar aqui de desvanecimento, porque desamigar significa cortar com,

interromper, terminar abruptamente uma amizade. É de casos deste último tipo que fala este livro.

A origem da amizade já é mais complexa. Depois de ter tentado descrever a profundidade e a intensa correspondência de sentimentos entre si e o seu amigo Etienne de La Boétie, Montaigne remata com a fórmula célebre, que não responde a nenhuma questão nem propõe qualquer razão de fundo: «*Parce que c'était lui, parce que c'était moi.*» E, no entanto, seria por vezes possível encontrar na origem de uma amizade as razões para o posterior desamigamento. Quem pode dizer como terminou a «bela amizade» que Rick Blaine e o capitão Louis Renault iniciaram em Casablanca, na noite em que o primeiro abateu com um tiro o major Strasser e o segundo mandou prender «os suspeitos do costume»? Até um homicídio e uma traição podem ser o cimento que permite ligar dois destinos divergentes; pode ser que a rutura (meramente conjectural) entre os dois tenha seguido um padrão semelhante. Este livro também aborda alguns desses casos de figura; mas são mais os outros, os que têm origem num equívoco, num feixe de incompreensões, numa luta de egos exacerbados, num episódio fortuito. E excluem-se os incontáveis casos de zangas entre irmãos, porque continua por provar que os laços de família sejam, à partida, assimiláveis à peculiar atração de diversos que é o que funda uma amizade. Como escreveu Samuel Johnson em *The Uncertainty of Friendship*: «Não há na vida prazer mais alto e mais nobre do que a amizade. É doloroso verificar que esta sublime alegria pode ser ameaçada ou destruída por inúmeras causas, e que não há sentimento humano cuja duração seja mais incerta.»

Em qualquer caso, não basta carregar no botão: o desamigamento é um processo doloroso, por muito definitivo que seja, e deixa fatalmente marcas em cada um dos antigos amigos.

D E S A M I G A D O S

*ou
como cancelar
amizades sem
carregar no
botão*

~

2018-2021

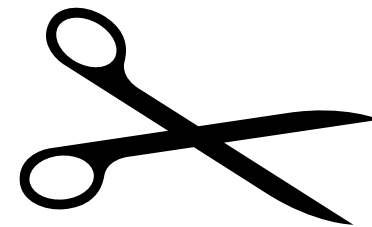
CÉSAR E BRUTO: ET TU, BRUTE?

Talvez devamos a William Shakespeare, entre tantas outras coisas, a fórmula com que o assassinato de Caio Júlio César, cônsul e ditador perpétuo da República Romana, passou à História. Ao ver aproximar-se entre os conjurados o senador Marco Júnio Bruto, que antecipava como seu sucessor, César poderá ter exclamado em grego (como é citado por Suetónio): «Até tu, meu filho?» O poeta inglês deu à frase expressão latina e foi assim que a aprendemos e repetimos: *Et tu, Brute?* Mas o mais provável, como admitem Suetónio e Plutarco, é que não tenha dito nada. Porém, se César tivesse de facto pronunciado essas palavras, era como se a sua morte moral acontecesse no momento em que reconheceu entre os conspiradores o rosto e a figura de um dos seus favoritos. Foi isso que Shakespeare quis induzir em quem assistia à representação da sua tragédia, ao pôr ainda na boca do ditador o remate: «*Then fall, Caesar!*» (César pode então cair.)

Não se sabe se a estocada que Bruto lhe vibrou terá sido a fatal; o corpo de César recebeu nesse dia de março de 44 a.C. 23 punhaladas, mas, segundo Suetónio, só uma delas, a segunda, lhe provocou a morte.¹ Parece demasiado rigor clínico para tão caótico e disperso desenlace trágico. Bruto desempenhara, no entanto, um papel relevante na conspiração que envolveu o

¹ Suetónio, *Os doze Césares*, trad. de João Gaspar Simões, Lisboa, Assírio e Alvim, 2007: I, 66.

pontos de contacto entre a novela de Gabo e *Travessuras da menina má*, que Vargas Llosa deu à estampa dois anos depois. Pode ser, embora essa aproximação me pareça forçada, tão singular é a novela de Gabo. Mas, se for verdade, isso quer dizer que, até ao fim, embora afastados nos afetos, tinham mantido um ténue fio de cumplicidade, talvez nascida naquele encontro de aeroporto, em Caracas, em 1967.



DESAMIGADOS

—
*foi composto em caracteres Goudy Old Style
e impresso pela Eigal, Indústria Gráfica Lda,
sobre papel Coral Book de 90 g,
em Abril de 2021.*